



Clima

2023 se confirma como mais quente já relatado e próximo da área de risco

— Limite de segurança previsto no Acordo de Paris deve ser rompido em janeiro; no ano passado, todos os dias ficaram pelo menos 1°C acima dos níveis pré-industriais

O ano de 2023 foi confirmado como o mais quente já registrado, segundo relatório divulgado ontem pelo observatório europeu Copernicus (C3S). A temperatura média foi 1,48°C mais quente do que na era pré-industrial (meados do século 19), diz a agência. Este valor é pouco inferior ao 1,5°C que o mundo havia proposto como limite, no âmbito do Acordo Climático de Paris em 2015, a fim de evitar os efeitos mais graves do aquecimento global.

E janeiro de 2024 está a caminho de ser tão quente que, pela primeira vez, um período de 12 meses excederá o limite de 1,5°C, alerta Samantha Burgess, vice-diretora do Copernicus. Um dos fatores para isso é a influência do El Niño, que deve se estender até a metade deste ano. Ele já esteve relacionado a eventos extremos, como ciclones extratropicais no Sul e a estiagem acompanhada de queimadas na Amazônia, além das ondas de calor em várias regiões do Brasil.

Motivos

Além do aquecimento global, especialistas destacam avanço dos gases de efeito estufa

A temperatura global média em 2023 foi de 14,98°C, estima o Copernicus. “Os registros foram quebrados durante sete meses. Tivemos junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro mais quentes”, disse Samantha. “Não foi apenas uma temporada ou apenas um mês que foi excepcional. Foi excepcional por mais de metade do ano.”

O ano passado também foi o primeiro na história em que, em cada dia separado, a temperatura média excedeu os níveis pré-industriais em ao menos 1°C, com quase metade dos dias excedendo o “limite crítico” de 1,5°C – dois dias em novembro passaram 2°C. Para se ter ideia, o recorde anterior, de 2016, foi quando 20% dos dias ficaram acima de 1,5°C.

O diretor da Copernicus, Carlo Buontempo, observou que os números do ano passado são superiores a todos os registros de temperatura global desde 1850. Quando com-

parado com dados paleoclimáticos de fontes como anéis de árvores e bolhas de ar em geleiras. Ele acredita que se tratou “provavelmente do ano mais quente dos últimos 100 mil anos”. “Basicamente, isso significa que nossas cidades, estradas, monumentos, fazendas e todas as atividades, em geral, nunca tiveram que lidar com um clima tão quente.”

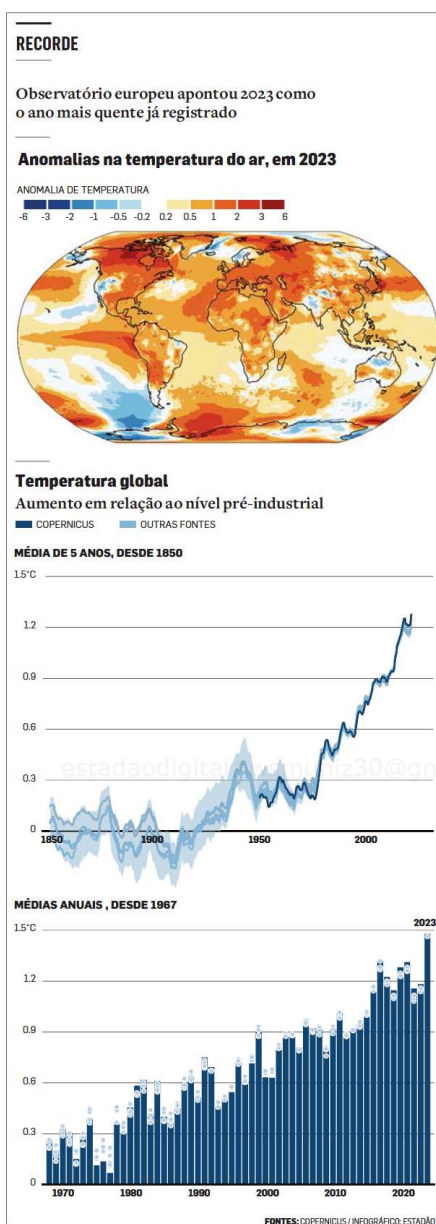
Para completar, as temperaturas médias globais da superfície do mar foram excepcionalmente altas, atingindo recordes no período de abril a dezembro, e foram associadas a ondas de calor marinhas em partes do Mediterrâneo, no Golfo do México e no Caribe, no Oceano Índico e no Pacífico Norte, bem como em grande parte do Atlântico Norte.

AGRAVANTES. Segundo relatório da Organização Meteorológica Mundial (OMM), o principal fator por trás do aumento das temperaturas é o aquecimento global, mais o El Niño, “que tem impacto na temperatura global, especialmente no ano seguinte ao de sua formação (Mais informações na página A15)”.

Os cientistas sustentam que o planeta precisaria de um aquecimento médio de 1,5°C ao longo de duas ou três décadas para se chegar ao pior cenário, só que o alerta está dado. “A meta de aquecimento de 1,5°C tem de ser mantida porque vidas estão em risco e há decisões que terão de ser tomadas e essas decisões não afetarão você ou a mim, mas afetarão nosso povo, filhos e netos”, disse Samantha.

O calor recorde causou estragos e até mortes em Europa, América do Norte e China. Além disso, há fenômenos climáticos extremos ocorrendo, como a seca prolongada na África, as chuvas torrenciais que destruíram barragens e mataram milhares de pessoas na Líbia e os incêndios florestais no Canadá, que poluíram o ar do Hemisfério Norte.

RAZÕES. Segundo Copernicus, existem vários fatores que contribuíram para que 2023 fosse o ano mais quente, mas de longe o maior foram os gases de efeito estufa, afirmou a vice-diretora. Esses gases retêm o ca-



lor na atmosfera e provém da queima de carvão, petróleo e gás natural. Pela primeira vez, os países reunidos na conferência anual das Nações Unidas

sobre o clima, em dezembro, selaram um acordo histórico para transição de combustíveis fósseis, mas não citaram prazos de eliminação total.

Cientistas apontam 160 eventos extremos e realçam ondas de calor

Em um evento na semana passada, cientistas climáticos já tentavam mensurar os efeitos desse recorde de calor. “Há um grande impacto”, afirmou Friederike Otto, líder do grupo de estudos no reconhecido Imperial College de Londres.

A World Weather Attribution analisa apenas eventos que afetem mais de 1 milhão de pessoas ou que resultem em mais de cem mortes. Otto diz que foram relatados 160 eventos desse tipo só no ano passado, o que sobrecarregou sua equipe. Só foi possível conduzir 14 estudos – a maioria sobre ondas de calor. “Resumindo, todas as ondas de calor que ocorrem hoje estão mais quentes.”

Só nos Estados Unidos ocorreram 28 desastres climáticos em 2023, outro recorde. Na lista estão 19 tempestades severas, 2 furacões, um incêndio florestal e uma tempestade de inverno, que mataram ao menos 492 pessoas e causaram quase US\$ 93 bilhões em danos. ●

“Se esse processo (que inclui os gases de efeito estufa) não for revertido, não há razão para esperar resultados diferentes no futuro”, afirmou a vice-diretora do C3S, além de ressaltar que, caso isso não aconteça, “em alguns anos, 2023, que bateu um recorde, provavelmente será lembrado como um ano ameno”.

REAÇÕES. Procurada para comentar a situação, as Nações Unidas afirmaram que o registro é um “um simples aviso do futuro catastrófico que nos espera”, disse a porta-voz, Stephane Dujarric. “O secretário-geral (Antonio Guterres) pensa que a humanidade está queimando a Terra. E os líderes mundiais precisam se comprometer com novos planos de ação. Ainda podemos evitar o pior.” ● **COM NEW YORK TIMES, WASHINGTON POST, EFE, AP E AFP**